

ENTRE GERAÇÕES DE AVALIAÇÃO, DIFERENTE PERSPECTIVA DE AVALIAR NA ESCOLA WALDORF EM FORTALEZA

RODRIGUES, Maria do Socorro de Sousa

Doutora em Educação pela UFC. Especialista em Planejamento Educacional pela UNIVERSO – RJ, licenciada em Filosofia pela UECE. Técnica em Educação. Professora do Mestrado de Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior da UFC. E-mail: sspaliti2@gmail.com

ARAÚJO, Adriana Castro

Mestranda em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior pela UFC. Licenciada em Pedagogia pela UFC. E-mail: driaraujo12@gmail.com

RESUMO

A avaliação do ensino-aprendizagem é tema pertinente em todos os tempos, haja vista suas definições permanecerem em constantes discussões. A avaliação da aprendizagem mais frequente nas escolas é feita ainda por meio de provas escritas, orais, testes e participação nas aulas. Vários autores consideraram esses métodos de avaliação impróprios, pois nem sempre conseguem avaliar a capacidade do aluno e o que ele realmente sabe. Estudos no âmbito da educação têm mostrado ineficiência de alguns modelos tradicionais, no entanto, as escolas permanecem reforçando tais práticas, guiadas por um sistema econômico, social e de ensino que reproduz esses modelos. Estudos mais recentes têm apresentado novas propostas de avaliação estruturadas, atualmente, em três ou quatro gerações de pensadores e idealizadores de novos modos de avaliar, que priorizam o ser integral com suas múltiplas dimensões, contrariando modelos atuais. Tentando encontrar experiências de avaliação que contemplem o aluno como um ser social e integral, buscou-se conhecer a escola Waldorf Micael, em Fortaleza, para tentar compreender sua metodologia e compará-la, mesmo que tangencialmente, com as propostas apresentadas pela quinta geração da avaliação, antevista por Guba e Lincoln (1989) e postulada por Bouchard e Fonton (2008) como avaliação social, que ainda se encontra em



construção, mas já com algumas experiências. Os dados revelaram, entre outros indícios, a presença de algumas características que preponderam no fazer pedagógico desta escola e nos seus processos avaliativos.

Palavras-chave: Gerações de avaliação. Escola Waldorf Micael. Quinta geração.

ABSTRACT

The evaluation of teaching and learning is relevant theme at all times, given their definitions remain in constant discussions. The evaluation of the most frequent learning in schools is still done through written and oral tests, tasks and class participation. Several authors considered these improper valuation methods because they can not always assess the student's ability and what he really knows. Studies in education have shown the inefficiency of some traditional models, but schools remain effecting such practices, guided by an economic, social and educational system that plays such models. More recent studies have presented new proposals for evaluation currently structured in three or four generations of thinkers and creators of new ways of assessing that prioritize be integral with its multiple dimensions, contrary to current models. Trying to find assessment experiences that address the student as a social being and integral, he sought to know the school Waldorf Micael, in Fortaleza, to try to understand its methodology and compare it, even if tangentially, with the proposals made by the fifth generation of the evaluation, envisioned by Guba and Lincoln (1989) and postulated by Bouchard and Wellas (2008) as social assessment, which is still under construction, but already with obvious experience. The data revealed, among other evidence, the presence of some features that prevail in pedagogical practice of this school and its evaluation processes.

Keywords: Evaluation generations. Michael Waldorf School. Fifth generation.



1 Introdução

A avaliação é uma temática recorrente em diversos campos sociais: nas escolas, nas instituições, sejam elas públicas ou privadas, nas grandes e pequenas empresas, e até na nossa vida pessoal. Durante anos, estudiosos discutiram, e continuam discutindo, sobre diversas formas de avaliar pessoas e processos, porquanto buscam melhorar e adequar a avaliação às demandas e necessidades contemporâneas. Nesse contexto, perpassamos por quatro gerações de avaliação até chegarmos à quinta, considerada, por alguns pesquisadores, como uma utopia, ou, ainda, em fase de construção.

O objetivo desse trabalho é descrever as principais características das cinco gerações de avaliação e seus expoentes, comparando o processo avaliativo e os novos paradigmas da última geração da avaliação com a experiência vivenciada pela escola Waldorf Micael, de Fortaleza.

Por meio de entrevista com professores da escola e uma visita às instalações e ao *modus operandi* de sala de aula, na referida escola, foi possível, ainda que tangencialmente, estabelecer comparações com a quinta geração da avaliação.

Para tanto, faremos breve retrospectiva acerca das principais concepções que fundamentaram cada uma das gerações da avaliação até a atual, com o fito de entendermos algumas características e mudanças ocorridas, e, então, compararmos os novos paradigmas avaliativos com a referida escola.

2 Um paralelo entre as gerações da avaliação

Na primeira geração, avaliar era sinônimo de medir. Sob fortíssima influência do Positivismo, surgiram diversos instru-



mentos para testar o rendimento escolar dos alunos. Lembramos que, por muito tempo, o processo avaliativo esteve concentrado no âmbito escolar, haja vista a necessidade de selecionar estudantes e comprovar conceitos. O avaliador era apenas um técnico, que deveria dominar tais instrumentos de medição e desenvolver seu trabalho friamente.

A segunda geração de avaliação nos traz concepções bem mais amplas, embora ainda sob uma forte influência do Positivismo. Ralph W. Tyler foi o principal representante dessa geração, tendo servido de inspiração para os demais estudiosos das gerações seguintes, por isso esse pesquisador ficou conhecido como o “pai da avaliação”, e a definia como sendo um processo comparativo entre desempenhos (VIANNA, 2000). Sua principal crítica acerca da primeira geração concentrava-se, sobretudo, nas limitações de informação para se avaliar, visto que estas só consideravam aspectos relativos aos alunos.

Ainda nessa geração, ressaltou-se a importância de comparar objetivos pretendidos com objetivos alcançados, sendo esta comparação a principal função da avaliação. Consoante os resultados da avaliação, seriam realizados aprimoramentos, correções, antecipações de possíveis problemas, ou seja, tudo seria considerado por aqueles responsáveis pelas tomadas de decisões. Ademais, era necessário analisar cuidadosamente os propósitos da avaliação, visto que seus resultados deveriam melhorar o processo de ensino e aprendizagem, considerando aspectos significativos de rendimento.

Especialmente no Brasil, e mais precisamente na década 1980, o Ministério da Educação capitaneia um Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) em nível amostral, que pode ser considerado como avaliação em larga escala, cujo modelo aporta no perfil da segunda geração. As críticas lançadas sobre



este sistema dão conta de que, por ser amostral e agregar os dados, ela aponta indícios, mas tem baixo impacto sobre as mudanças nos currículos escolares e, especialmente, no ensino e na aprendizagem. Outros modelos surgiram espelhados no Saeb, e, no Ceará, o Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica (Spaee) chega mais perto de uma avaliação que suporta mudanças efetivas, melhorando a cada ano o processo de ensino e aprendizagem, haja vista caracterizar-se como avaliação permanente.

Seguindo a evolução na geração de pensadores sobre a temática, posteriormente, surgiu a terceira geração da avaliação, cujo principal objeto avaliado deixava de ser o resultado e passava a ser o processo. Destacamos estudiosos como Cronbach (1963), Luckesi (2001), Scriven (1991), Stake (1975), entre outros, para representar essa fase. É nesta geração que o julgamento passa a ser imprescindível na avaliação, porquanto se defendia que, além de medir e descrever, era necessário julgar o conjunto de todas as dimensões do objeto (PENNA FIRME, 1994). Dessa forma, a valoração ganha destaque e exige-se mais responsabilidade por parte do avaliador. As preocupações-chave dessa geração, segundo Penna Firme (1994), são o mérito e a relevância, ressaltando qualidades intrínsecas e extrínsecas ao objeto avaliado. Sobre essa geração, Guba e Lincoln (1989) consideram ainda que a prática educativa reconhece o juízo subjetivo por parte do avaliador e este passa a desempenhar um papel de juiz.

Na quarta geração, emerge o paradigma construtivista como fundamento da avaliação (BOUCHARD e FONTAN, 2008), visto que se entende o processo avaliativo como interação e negociação, cujo fito é alcançar um consenso entre as partes envolvidas. As partes interessadas são ouvidas e há atenção especial dada às preocupações, proposições e controvérsias acerca do objeto avaliado. Penna Firme (1994) observa que os resultados de uma avaliação



se explicam pela interação entre o observador e o observado, rejeitando-se, dessa forma, o controle manipulativo tão característico do processo avaliativo das outras gerações, já que existia uma preocupação exagerada em se manter fiel aos métodos científicos, tão voltados para as ciências naturais. Percebemos, assim, que a quarta geração atenta-se para a riqueza da subjetividade na concretização de uma avaliação efetiva, cujos aspectos humanos, culturais e éticos são levados em conta nesse processo.

Após esse longo caminho de pesquisa, continuamos então descobrindo aspectos relevantes e perseguindo a forma mais justa e honesta para se avaliar. Chegamos, assim, na quinta geração da avaliação, cujas características destacaremos no próximo tópico.

3 A quinta geração da avaliação

Para Bouchard e Fontan (2008), apesar dos avanços relacionados ao campo das negociações, a quarta geração da avaliação ainda limitava-se a interesses particulares, sendo necessário dar um salto qualitativo, de modo a atender as demandas contemporâneas. Os autores consideram que a avaliação social, também chamada de quinta geração da avaliação, assume forte compromisso social e político alicerçado na cooperação e na solidariedade que vai para além de concepções individualistas.

Nesse contexto, a avaliação social é pautada em novos parâmetros relacionados, inclusive, à economia social, fundamentando-se num processo estratégico, participativo, político e de interesse, tanto individual como geral e coletivo. Essa nova geração representa um projeto de longo prazo, no qual o desenvolvimento acadêmico está intrinsecamente relacionado às questões sociais (BOUCHARD e FONTAN, 2008).



Lund (2011) defende que essa nova geração de avaliação está em construção e representa uma verdadeira mudança epistemológica ante as gerações pregressas, tendo como função inerente melhorar o mundo e combater os efeitos negativos tão comuns, porém, não intencionais, que o processo avaliativo pode trazer como consequência para os relacionamentos entre os indivíduos e as organizações nas quais se encontram.

Para esse autor, a partir de uma nova perspectiva, fundamentada, inclusive, na psicologia social, é possível fomentar e desenvolver métodos de avaliação e abordagens que evitem tais efeitos negativos. Para tanto, deve-se ter cuidado com a forma de avaliar, de se comunicar nesse processo, tendo como objetivo sempre ajudar o avaliado e incentivar seu aperfeiçoamento contínuo.

A quinta geração atentou-se para a importância dos indivíduos, das inter e intra-relações, haja vista que não existe instituição sem pessoas; estas existem com elas, por elas e para elas. Dessa forma, a avaliação deverá clarear, desnudar e mostrar o que não era percebido, sobretudo pelo avaliado, objetivando a melhoria e o crescimento dos indivíduos e de suas relações com os outros e com a instituição na qual está inserido.

Com efeito, leva-se em conta a visão de cada uma das partes envolvidas no processo avaliativo, distribuindo a responsabilidade entre cada uma delas. Surge, também, a imprescindível contribuição da autoavaliação, que se torna importante ferramenta para que os indivíduos percebam suas forças e suas fraquezas e as use para seu desenvolvimento.

Nesse contexto, o diálogo torna-se um imperativo inexorável, haja vista ser, por meio dele, que se incita o autoconhecimento, se alcança consenso entre as pessoas e os grupos, além de favorecer o trabalho em equipe, permitindo destacar percepções que indivíduos isolados não perceberiam; e propiciar o descobri-



mento do novo, que pode ser explorado em benefício de todos. Ademais, a visão compartilhada sobre o todo, cujo fundamento é o pensamento sistêmico, permite a construção do conhecimento, da aprendizagem, do desenvolvimento de cada um e, consequentemente, das instituições em sua totalidade.

Dessa forma, a quinta geração entende a prática de avaliar como uma investigação em que o avaliador deve substituir a objetividade de seu trabalho pela honestidade, dado que investigará um processo humano, fundamentalmente subjetivo, considerando o que é realmente significativo no campo do que está sendo investigado.

Ademais, a avaliação deve sempre desempenhar um papel estratégico, sobretudo nas organizações, e sua abordagem deve objetivar a construção de um mundo melhor, o bem-estar social, a melhoria e o crescimento dos indivíduos e de suas relações com os outros (LUND, 2011).

Cuenca (2007) destaca ainda a importância da avaliação qualitativa na quinta geração, já que o “porquê” é indispensável para se investigar mais minuciosamente. O autor entende que toda verdade parte da verdade interior de cada indivíduo, reforçando, assim, a posição preponderante do processo de autoavaliação na quinta geração.

Deve-se entender que a avaliação para a qualidade configura-se como decisão pessoal, estilo de vida, exercício profissional, processo de investigação permanente, desempenho de liberdade, configurando-se numa verdadeira prática de amor (CUENCA, 2007).

É também na quinta geração da avaliação que o avaliador tenta perceber o que está nas entrelinhas, o que não foi dito, mas apenas subtendido, percebido por meio de gestos ou emoções manifestadas em diversas ocasiões que revelam, inclusive,



o que o próprio indivíduo desconhece. Para que uma avaliação seja verdadeiramente eficiente e culmine em melhorias efetivas, é preciso ir além, por isso a necessidade de investigar mais detalhadamente os aspectos considerados relevantes.

No âmbito escolar, a avaliação sai de um conceito focado unicamente na aplicação dos testes para a qualificação de desempenho dos alunos, e se direciona para ideias mais amplas, que dizem respeito à análise e avaliação de todos os elementos que influenciam o processo educacional. Por isso, a compreensão deste novo conceito e prática de avaliação deve ser estendida a todos do sistema escolar.

4 Pedagogia Waldorf, a prática da quinta geração da avaliação?

Ante o exposto, considerando o âmbito educacional, podemos nos perguntar se a quinta geração da avaliação é uma utopia ou se sua aplicabilidade de fato existe. Visitando a escola Waldorf Micael, localizada em Fortaleza, pareceu-nos que a prática da quinta geração da avaliação, na verdade, é aplicada há bastante tempo.

A pedagogia Waldorf foi criada em 1919, pelo austríaco Rudolf Steiner. Desde então, tem se multiplicado em vários países, inclusive no Brasil, por intermédio da associação de pais e professores admiradores dessa forma de educar, que se unem para construir novas escolas pelo mundo.

Apresentando-se por meio de um currículo extremamente dinâmico e integrado, fundamentado na antropologia e na antroposofia¹, cujo objetivo é desenvolver o ser humano em toda sua

¹ Palavra grega que significa sabedoria humana criada pelo alemão Rudolf Steiner.



plenitude, de modo a contemplar sua evolução física, emocional e espiritual, as escolas Waldorf vêm encantando e conquistando pessoas que buscam formas mais humanizadas de aprendizagem.

A metodologia educacional dessas escolas está alicerçada na solidariedade e cooperação, com o objetivo de valorizar o gosto pela aprendizagem por meio de atividades não competitivas. Para tanto, contemplam os conteúdos exigidos nas diretrizes curriculares, além de outros como teatro, zoologia, euritmia, artesanato, agrimensura, etc, sempre respeitando a etapa de crescimento e desenvolvimento do ser humano e estimulando o contato com a natureza.

Com efeito, as escolas Waldorf mais se assemelham a chácaras do que a escolas propriamente ditas, com espaços arborizados, brinquedos de madeira, animais e salas de aula adaptadas para atender as necessidades das diversas fases de desenvolvimento do aluno, considerando as características de seus ciclos, bem como as peculiaridades de cada etapa de seu crescimento.

Na Educação Infantil, por exemplo, as salas são como casas de boneca, com pequenos ambientes, cujos espaços são extremamente aconchegantes e acolhedores, onde as crianças são estimuladas a vivenciar experiências que contribuirão para que desenvolvam, da melhor forma, o relacionamento social e a motricidade necessária nessa etapa tão importante do ser humano.

Neste sentido, Luckesi (2005)² desenvolve uma linha de raciocínio e estudos que estabelecem um diferencial entre “exames” e “avaliações”, visto compreender o contexto social e emocional do aluno.

² Disponível em: www.luckesi.com.br / e-mail: contato@luckesi.com.br. Acesso em 10 ago. 2015.



5 Recursos metodológicos

5.1 Tipificação da pesquisa

Trata-se de pesquisa de campo de abordagem qualitativa, realizada por meio de visita *in loco* e entrevista. Caracteriza-se como pesquisa qualitativa, pois responde a questões muito particulares que não podem ou não devem ser quantificadas. Trabalha, portanto, com o universo de significados, de motivos, de aspirações, crenças, valores e atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. Desta forma, a diferença entre a abordagem quantitativa e a qualitativa da realidade social é de natureza, e não de escala hierárquica (MINAYO, 2010).

5.2 Lócus da pesquisa, sujeitos e procedimentos de coleta

Os dados foram obtidos junto à escola Waldorf Micael em Fortaleza, Ceará, localizada no bairro Água Fria, tendo como entrevistada uma professora da escola que aqui denominaremos de ANA para preservar o anonimato desse sujeito participante. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se o diário de campo dos pesquisadores, de onde foram colhidas as falas, impressões e percepções da professora entrevistada. Da incursão pelos espaços físicos da Instituição, observam-se relatos de pais, professores e egressos, publicados no site da escola, mas não utilizados neste ensaio.



5.3 Análise de dados

As informações colhidas durante a entrevista são descritas, neste artigo, destacando algumas características preponderantes do modelo de avaliação da quinta geração.

6 Análise e discussão dos dados

6.1 A avaliação na escola Waldorf Micael

No dia 28 de julho de 2014, decidimos visitar a escola Waldorf Micael, localizada em Fortaleza, no bairro Água Fria, para entrevistar os professores da escola acerca do processo avaliativo de seus alunos e, assim, podermos comparar com a quinta geração da avaliação.

A referida escola se constitui numa associação de pais e professores, sem fins lucrativos, e conta com profissionais de diversas formações, como Filosofia, Pedagogia, Letras, Educação Física e Matemática, além da formação específica na Pedagogia Waldorf. Funciona em Fortaleza desde 1991 e conta atualmente com 200 alunos, do 1º ao 9º ano.

Após a entrevista, foram visitadas as dependências da escola, onde foram observados os trabalhos desenvolvidos pelos alunos, os materiais e instrumentos utilizados, além de conhecer um pouco dos projetos e da dinâmica desenvolvida no âmbito da escola; entretanto, concentrou-se, sobretudo, nos aspectos avaliativos, porquanto este era o objeto da pesquisa. A seguir, apresentam-se algumas das características da quinta geração de avaliação encontradas na escola.

Acompanhamento sistemático x avaliação formativa.

Vale ressaltar que os professores Waldorf acompanham seus alu-



nos por muitos anos; assim, uma criança que ingressa no primeiro ano do Ensino Fundamental permanecerá com o professor até o nono ano; na Educação Infantil, a jardineira também acompanhará a criança durante toda essa etapa da educação. Destarte, o professor conhece cada um de seus alunos mais profundamente, desenvolvendo um trabalho mais individualizado e eficaz no decorrer dos anos. Além disso, também cria um forte vínculo com os familiares das crianças, fazendo inclusive visitas domiciliares, quando necessárias, para melhor acompanhar e compreender os educandos. Com efeito, em cada etapa da educação, o professor deve assumir uma postura adequada para lidar com as peculiaridades das fases em que seus alunos se encontram, de modo que possa desenvolver o processo de ensino, aprendizagem e avaliação consoante a Pedagogia da escola. Sobre isso, comenta um egresso: “Você sabendo pequenos detalhes de cada pessoa, você se relaciona com ela diferente, você atende à necessidade dela de forma diferente” (Professor).

Especificidades do conhecimento. No Ensino Fundamental, algumas matérias podem ser ministradas por professores específicos, diferentes dos que acompanham a criança desde o início da etapa do ensino, dependendo da necessidade e aprofundamento do conteúdo.

Educação Integral. Todas as disciplinas são ministradas por épocas que representam períodos de três a quatro semanas, em que os alunos “mergulham” no conteúdo explorado para depois se distanciarem, dando espaço para que outra disciplina seja ministrada, e só posteriormente resgatam e avançam os conteúdos já trabalhados. Ademais, cada matéria é explorada de forma “trimembrada”, conforme a orientação da Pedagogia Waldorf, que significa considerar os três aspectos que integram o aprendizado, quais sejam, o querer, o sentir e o pensar, de modo



que os alunos desenvolvam as mais diversas habilidades: físicas, reflexivas, imaginativas, artísticas, entre outras.

Durante a visita na escola Waldorf Micael, em Fortaleza, uma professora da escola se disponibilizou a responder algumas perguntas, além de oferecer explicações acerca do processo avaliativo desenvolvido na escola com seus alunos.

Escola como extensão da casa. Primeiro foi esclarecido que a escola Waldorf foi pensada, desde a sua criação, em ser como uma extensão da casa para seus alunos, para que, dessa forma, se sintam seguros e acolhidos no ambiente educacional. Por isso, o amor deve estar presente na relação entre professor e aluno, e a criança deverá ter admiração e respeito pelo profissional que a acompanhará por tantos anos.

Afetividade e equilíbrio na comunicação. Destarte, o professor Waldorf sempre cuida da forma como se comunica com seu aluno, da linguagem utilizada durante as atividades, sobretudo na hora de avaliar. Nesse contexto, na Educação Infantil, as chamadas jardineiras devem estar sempre atentas aos seus próprios gestos, porquanto são referências para suas crianças e exercem forte influência no desenvolvimento, formação de hábitos e harmonização mental e física de seus alunos.

Avaliação integral da aprendizagem e envolvimento da família. Os alunos Waldorf são diariamente avaliados em todos os aspectos, durante as atividades e trabalhos desenvolvidos, no relacionamento com o grupo e até em relação ao temperamento. O professor conhece o seu aluno biograficamente, conhece sua família, seus pais, sua casa, sua dinâmica familiar e, na hora de avaliar, tudo é levado em consideração. Os pais dos alunos mantêm constante contato com os professores de seus filhos e os mantêm informados acerca de situações que possam influenciar no desempenho das atividades realizadas na escola.



Todos os dias as crianças são avaliadas, todas as atitudes. Aí você faz um aparato geral, o que é seu trabalho diário com essa criança, num trabalho manual, numa pintura, na relação com os amigos, respondendo perguntas, num trabalho de texto. Se você conhece seu aluno, precisa fazer uma prova para avaliar? Você não precisa fazer prova para avaliar seu aluno (ANA).

Essa avaliação que a gente tem com cada indivíduo, com cada criança, é feita também conhecendo o biográfico dela. A gente vai saber como é o convívio dessa criança em casa, se ela tem ritmo, se tem limites, como são os horários dela, se tem hora para dormir, se tem dificuldade para dormir, como são os pais, se são separados e se dão bem, se são separados e não se dão bem. Tudo isso entra na avaliação, o estado de espírito dela (ANA).

Tá dentro da Pedagogia Waldorf você conhecer cada um, o temperamento, a família, o professor visita a casa de cada família, para conhecer o ambiente onde a criança vive (ANA).

Atividades que demonstram traços da personalidade e do temperamento dos alunos também são realizadas pelos professores, de modo que esses profissionais possam conhecer seus alunos mais profundamente e, assim, avaliá-los de forma mais minuciosa.

Comparação do aluno com ele próprio. Percebendo os limites dos alunos, bem como suas potencialidades, no decorrer das mais diversas atividades exploradas nas aulas, o professor Waldorf avalia cada aluno de forma individualizada, comparando-o com ele próprio e considerando seus progressos e sua evolução de forma globalizada.

Aspecto social. O professor trabalha a integração do aluno com o grupo, impõe limites, explicando a importância das regras para o bem-estar de todos; entretanto, o limite é imposto com amor e respeito, daí esse profissional ser conhecido como “autoridade amada”.



A estética. É também levada em consideração durante a avaliação. Na busca pelo belo, as crianças são incitadas a darem o seu melhor para desenvolverem as atividades de forma primorosa, ainda que o professor considere os limites e as potencialidades de cada aluno.

Objetivos de provas e exames, eles existem? As provas propriamente ditas são realizadas só a partir dos onze anos, mais com a intenção do aluno conhecer esse instrumento do que de fato realizar uma avaliação, visto que a escola oferta vagas apenas até o nono ano do Ensino Fundamental, período em que o estudante deverá ingressar em outra escola para concluir a Educação Básica e, certamente, terá que se submeter a essa forma de avaliar, tão largamente utilizada nas instituições educacionais tradicionais. Contudo, as provas são aplicadas da forma mais natural possível e sempre se leva em consideração o estado do aluno no dia de sua realização. Ademais, a avaliação diária, durante os trabalhos e atividades propostas pelos professores, continua sendo realizada concomitantemente às provas.

Cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais. Destacamos que todas as turmas da escola Waldorf Micael, de Fortaleza, são pequenas, para que os professores possam conhecer e avaliar seus alunos com mais propriedade e dedicação. Desde a Educação Infantil, procura-se desenvolver, na criança, a autoconfiança, o senso de responsabilidade social, a integração e o respeito ao meio ambiente, além de se trabalhar os conteúdos exigidos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais vigentes na legislação do MEC.

Nesse contexto, a avaliação na escola Waldorf é realizada continuamente, em cada aspecto trabalhado com o aluno. Por exemplo, a atividade de motricidade começa com as jardineiras, que realizam trabalhos em que as crianças de seis anos fazem



crochê com as mãos, representando a fase introdutória para o trabalho de tricô, desenvolvido posteriormente. E assim se avalia a justeza do ponto, a intensidade, bem como a evolução do aluno no decorrer desse processo.

Já o professor de música avalia como a criança lida com o canto, se ela tem dificuldade, se a voz é muito baixa, e o seu comportamento durante os ensaios. Nas atividades de desenho, avalia-se o tamanho e a intensidade da pintura, o uso das cores, sempre comparando a criança com ela mesma, o seu progresso em todos os aspectos.

Com base na entrevista e na visita à escola Waldorf Micael, destaca-se que a forma como os professores avaliam seus alunos condiz com as expectativas e considerações da quinta geração da avaliação, porquanto esses profissionais, por meio das atividades diárias, elaboram relatórios minuciosos, que representam boletins descritivos sobre as habilidades, virtudes, interesses e outras características pertinentes, além de considerar a evolução desses alunos no decorrer do tempo, consolidando uma avaliação puramente qualitativa e fundamentada na subjetividade.

Ademais, o professor sempre tem como objetivo primeiro formar um adulto seguro e equilibrado; nunca avalia seus alunos para fornecer uma nota, e sim para acompanhar seu progresso, fazendo com que o estudante dê o melhor de si e melhore a cada dia, incentivando assim, o aperfeiçoamento contínuo.

Livre da pressão em decorrência do respeito que a escola tem diante do tempo de aprendizagem de cada um, os alunos sentem-se mais felizes e tranquilos, de modo que as avaliações não causam perturbações nem ansiedade, ao contrário, como são realizadas em todas as atividades diariamente, tornam-se naturais a todo o processo de ensino e aprendizagem, evitando, dessa forma, os efeitos negativos tão combatidos por estudiosos do processo de avaliação.



Como as atividades são muito diversificadas, incluindo não só os conteúdos tradicionais como também atividades artísticas, musicais, corporais, entre outras, os professores da escola Waldorf auxiliam seus alunos a descobrirem habilidades que talvez nunca viessem a ser desenvolvidas, não fossem as oportunidades oferecidas pela escola, contribuindo para o autoconhecimento de cada um. Com isso, os alunos se conhecem, e, como são avaliados em todas as atividades, sempre se superando em algumas e sentindo dificuldades em outras, a escola acaba estimulando o sentimento de solidariedade e cooperação entre eles, o que certamente refletirá socialmente por meio da formação de pessoas mais justas.

Percebe-se, desse modo, o quanto a forma de avaliar da escola Waldorf Micael preocupa-se com a formação de indivíduos equilibrados e preparados para se relacionarem no meio onde vivem, além de estimular o respeito às diferenças individuais inerentes aos seres humanos, corroborando, assim, com a questão social, tão inerente à quinta geração da avaliação.

Vale ressaltar que, consoante às premissas da avaliação social, a referida escola, ao avaliar, observa o contexto social do aluno, considerando a visão das partes envolvidas no processo de desenvolvimento deste. Além disso, adentra o recinto familiar para conhecê-lo e entendê-lo melhor. Para tanto, o diálogo acaba por se tornar o alicerce entre professores, alunos e familiares envolvidos.

Destacamos, ainda que, em depoimento, alunos egressos das escolas orientadas pela pedagogia Waldorf, bem como professores e pais, demonstram-se gratos pela formação recebida no âmbito escolar e por se adaptarem facilmente a outros contextos educacionais, como nas faculdades, embora a realidade seja bastante diferente.



7 Considerações finais

Por fim, considerando as características da quinta geração da avaliação e o processo avaliativo da escola Waldorf Micael, que objetiva preparar o aluno para a vida e desenvolvê-lo em toda sua plenitude, respeitando seus limites e desenvolvendo suas potencialidades, sempre de maneira integrada com o meio social, entendemos que, de fato, a prática da avaliação social existe e pode ser aplicada.

A forma de avaliação mais humanizada e sem traumas, tão benéfica e necessária para o crescimento não só individual como social, proposta recentemente pela quinta geração da avaliação, e considerada por muitos como uma utopia, é aplicada em diversos países, por meio de uma escola criada depois da primeira guerra mundial, cuja principal função é formar pessoas mais preparadas e responsáveis socialmente, fazendo do mundo um lugar melhor.

Referências

BOUCHARD, M. e FONTAN, J. M. *L'économie sociale à la loupe. Problématique de l'évaluation des entreprises de l'économie sociale*. Université du Québec à Montreal. Canadá, 2008.

CUENCA, Gustavo Adolfo Muñoz. *Um nuevo paradigma: “La quinta generación de evaluación”*. *Laurus*, vol. 13, num. 23, 2007, PP. 158-198. Universidade Pedagógica Experimental Libertador, Venezuela. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=76102309>. Acesso em: 17 de julho de 2015.

GUBA, E. G. e LINCOLN, Y. S. *Fourth generation evaluation*. Newbury Park, CA: Sage, 1989.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. São Paulo: Cortez, 2001.



_____. *Avaliação da aprendizagem*; visão geral. Disponível em: <<http://www.luckesi.com.br> /e-mail:contato@luckesi.com.br>. Acesso em: 10 ago. 2015.

LUND, Gro Emmertsen. *Fifth-Generation Evaluation*. 2011. Disponível em: <<http://www.haslebo-partnere.dk/en/publications/articles/>>. Acesso em 22 jul. 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais).

PENNA FIRME, Thereza. *Avaliação: Tendências e Tendenciosidades*. Ensaio: *Aval. Pol. Públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 5-12, jan/mar. 1994. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ensaio/v01n02/v01n02a02.pdf>. Acesso em: 25 de junho de 2015.

SCRIVEN, M. *Evaluation thesaurus*. Newbury Park, CA: Edgepress, 1991.

VIANNA, Heraldo Marelím. *Avaliação Educacional e o Avaliador*. IBRASA – Instituição Brasileira de Difusão Cultural Ltda. São Paulo. 2000.

